



FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DOS MÉDICOS-PROFESSORES: DE QUEM, DO QUE E PARA QUEM ESTAMOS FALANDO?

Hebert Luan Pereira Campos dos Santos
Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Brasil
Endereço eletrônico: hebertluanvph@hotmail.com

Ana Lúcia Soutto Mayor
Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Brasil
Endereço eletrônico: almayor@terra.com.br

1482

INTRODUÇÃO

As discussões em torno da docência universitária não são recentes e envolvem diretamente a discussão em torno do que é e como se constitui a Universidade e o ser professor. Diversas críticas permeiam o modelo brasileiro de universidade abarcando não apenas o aspecto epistemológico, mas envolvendo também os tipos de titulação, a rígida arquitetura curricular, a lógica crescente do produtivismo acadêmico e o próprio processo de formação e profissionalização tanto do docente do ensino superior como do profissional em formação (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008; CUNHA; BRITO; CICLLINI, 2006; MELO, 2018).

Ainda que marcada por críticas e contradições, como nos lembra Cunha, Brito e Cicllini (2006), o Ensino Superior no Brasil é recente e nessa breve história as reflexões em torno dos seus significados e dos sujeitos que o compõem têm sido marcadas por ausências em torno de uma compreensão mais aprofundada.

No campo da educação profissional em saúde, por exemplo, historicamente os debates têm centrado, principalmente, nos currículos flexinerianos, fruto da influência norte-americana, que são demasiadamente técnicos e pouco contextualizados com a realidade social (TEIXEIRA; VILASBOAS, 2010). Apenas mais recentemente, decorrente da crescente insatisfação com a realidade existente quanto a prática desses profissionais e do urgente e crescente processo de reorientação da formação é que as discussões em torno da formação docente dos professores que lecionam nesses cursos têm ganhado a arena do debate, timidamente.

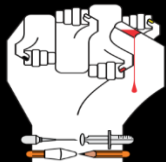
Diversas iniciativas têm sido construídas para pensar e aprimorar a formação no campo da saúde e aqui tomaremos como base um campo de interesse particular – o da educação médica. Dentre as iniciativas destacam-se o Programa Mais Médicos, ação

Realização:



Apoio:





conjunta entre Ministério da Saúde e da Educação, que objetivava intervir na formação e as reformulações recentes das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de medicina ocorridas em 2014, ações essas que têm demonstrado preocupações com a direcionalidade da formação dos recursos humanos na área da medicina no país.

Nessa altura, cabe lembrar que as buscas por tais mudanças não são recentes, pois o próprio Sistema Único de Saúde (SUS), instituído constitucionalmente em 1988 pela Lei nº8080, para além de garantir a saúde como um direito de todos e dever do Estado e prover um sistema que fosse equânime, universal e integral possuía também como prerrogativa constitucional ordenar a formação dos trabalhadores e trabalhadoras da área da saúde.

Embora as ações e iniciativas para reorientação da formação médica não sejam recentes, as discussões em torno do ser-estar-fazer professor dos cursos médicos e a própria necessidade de formação pedagógica desses são incipientes, assim, os desafios e limites, na prática, permanecem cada vez mais latentes na efetivação plena dessa reorientação. Isso relaciona-se diretamente ao contexto relativo a docência nos cursos de medicina, nos quais ser professor é visto como uma atividade secundária à profissão médica, e a carreira docente não é tida como profissão (COSTA, 2007; FERREIRA; SOUZA, 2016).

Dessa problemática, alguns questionamentos emergem: como é ser-estar-fazer professor nos cursos de medicina considerando esse contexto? Como se dá a formação desses médicos e professores para o exercício da docência na universidade? Como eles se entendem, constroem e conformam suas identidades entendendo a docência enquanto profissão? O processo e as iniciativas para reorientação da formação médica têm dado conta e/ou buscado pensar esse ser-estar-fazer professor? É partindo dessas inquietações que este texto propõe-se a discutir, de forma resumida, tais questões.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um ensaio teórico construído a partir da articulação entre os artigos encontrados na literatura que versam sobre o tema e referências teóricas que discutem o campo da formação e da educação profissional em saúde no país. Ressalta-se que este estudo compõe uma das etapas preliminares do projeto de dissertação de mestrado em andamento intitulada “Formação pedagógica dos docentes dos cursos de medicina para



abordagem dos aspectos étnico-raciais e racismo nos cursos médicos”, do programa de Mestrado em Educação Profissional em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares encontrados na literatura quanto a formação pedagógica dos MÉDICOS-professores apontam que boa parte dos docentes que lecionam nos cursos de medicina ““não são professores”, mas “estão professores”, pois não receberam, na formação acadêmica, fundamentos pedagógicos que lhes possibilitem entender e interpretar o processo ensino-aprendizagem” (CARABETA JÚNIOR; CURY, p.41, 2007). Utilizaremos aqui o termo MÉDICO-professor, por compreender, que a partir das discussões encontradas, este profissional que se torna professor, muitas vezes não compreende a docência como profissão, tendo-a como uma atividade secundária a prática médica.

Embora se reconheça que tais professores possuíam um alto nível de conhecimento técnico-científico, há uma série de deficiências na formação didático-pedagógica (FARIAS *et al.*, 2008). Carabetta Júnior e Cury (2007), por exemplo, sinalizavam que a competência na área técnica de atuação médica sempre foi o principal critério para a escolha dos profissionais que irão passar de médico para MÉDICOS-professores. Muitos desses seguiam a lógica de ensino tradicional, pautada na concepção bancária de educação e supervalorizando conteúdos técnicos em detrimento de outros saberes que também constroem a formação do profissional médico.

Alguns pesquisadores têm apontado, por exemplo, desafios enfrentados no processo de implementação de projetos de educação permanente para professores que atuam em cursos de Medicina com vistas ao desenvolvimento de uma prática pedagógica que leve em conta a realidade humana em toda a sua complexidade e diversidade (FARIA *et al.*, 2008). As resistências decorrem, sobretudo, por não se compreenderem neste lugar de professor, por secundarizarem neste processo as competências didático-pedagógicas em detrimento as competências técnico-científicas (QUINTANILHA; SILVA FARIAS; ANDRADE, 2021).

CONCLUSÕES

1484



Embora a discussão em torno da formação pedagógica dos docentes dos cursos de medicina venha ganhando paulatinamente a arena do debate, percebe-se que há uma incipiência em torno do tema nas ações propostas para reorientação da formação médica e dentro das próprias escolas médicas. Nessa direção, torna-se pertinente questionar: a quem isso interessa?

Deve-se destacar que há uma lógica crescente de mercadificação da educação superior, especialmente da educação médica, no Brasil e isso assume relação direta com a formação pedagógica desses docentes, trazendo preocupações para o processo de formação dos recursos humanos em saúde de qualidade e ameaças ao próprio sistema público de saúde do país, haja vista a dinâmica do capital e do neoliberalismo de que saúde e educação são mercadorias.

A literatura tem indicado que falar sobre formação pedagógica dos médicos-professores é urgente e necessário. Quando se discute sobre formação pedagógica desses professores fala-se sobre maior tempo dedicado a educação permanente, a discussão em torno das estratégias metodológicas utilizadas em sala, das concepções de currículo, das demandas para se discutir sobre saúde e não sobre apenas uma única concepção de saúde.

Por fim, o questionamento quanto o para quem está se falando permanecerá ecoando, já que os cursos de medicina seguem sendo a galinha dos ovos de ouro das empresas de educação e saúde do país. Será que interessará a eles a formação pedagógica dos médicos-professores?

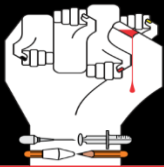
PALAVRAS-CHAVE: Educação superior. Formação pedagógica. Educação médica. Medicina. Educação profissional em saúde.

REFERÊNCIAS

CARABETTA JUNIOR, Valter; CURY, Maria Cristina F. da S. A contribuição da coordenação pedagógica na escola de Medicina. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 44-51, Apr. 2007.

COSTA, N. Docência no Ensino Médico: por que É Tão Difícil Mudar? Rev. bras. educ. med. 2007;29(1).

CUNHA, A. M. O.; BRITO, T. T. R.; CICLLINI, G. A. Dormi aluno (A)... Acordei professor (A): Interfaces da formação para o exercício do ensino superior. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/gt11-2544-int.pdf>.

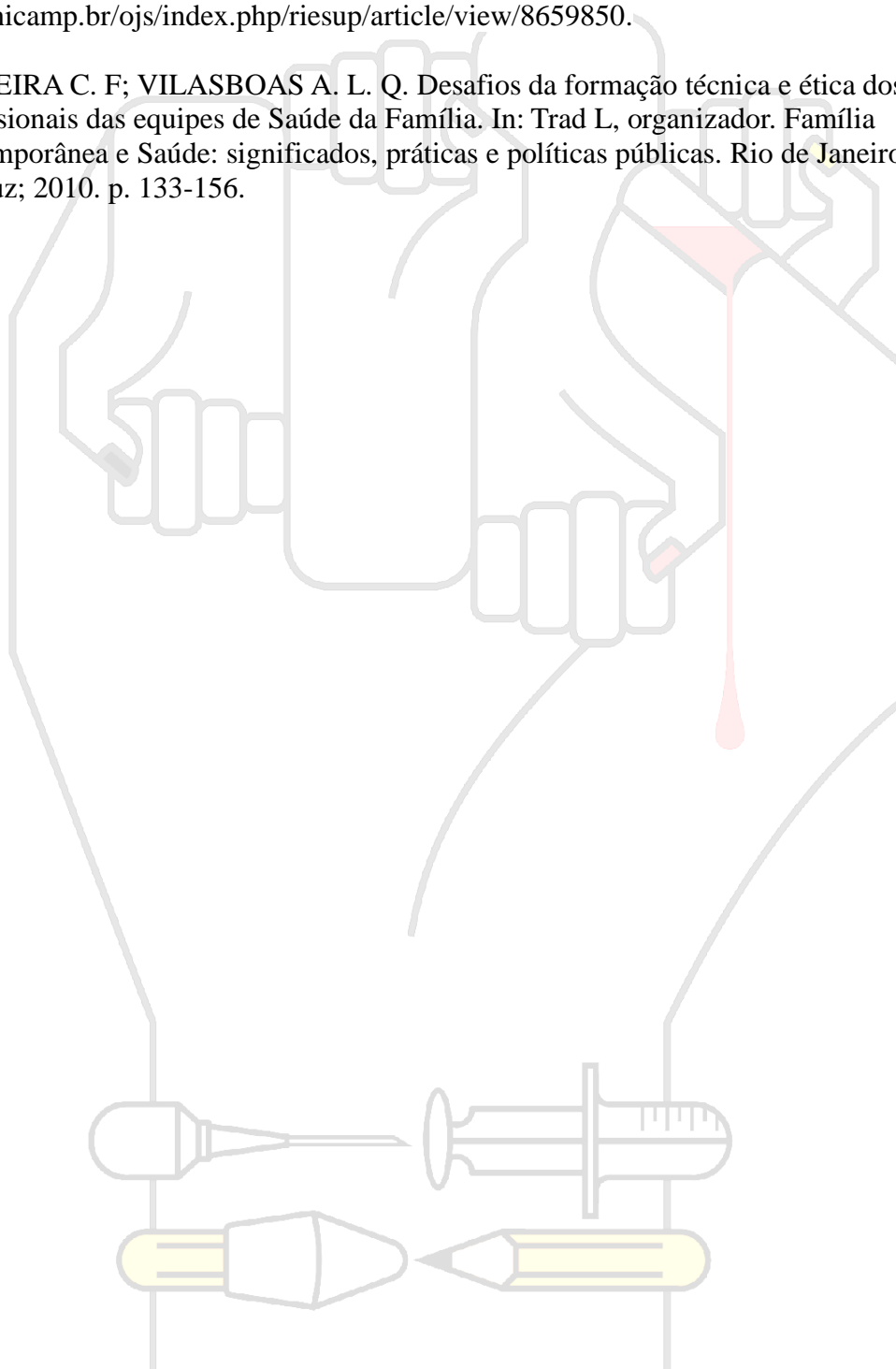


FARIA, Maria José Sparça Salles de et al. Os desafios da educação permanente: a experiência do curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina. Revista Brasileira de Educação Médica [online]. 2008, v. 32, n. 2, pp. 248-253. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-55022008000200013>>.

QUINTANILHA, L. F.; FARIAS, C. S. da S.; ANDRADE, B. B. Formação e envolvimento pedagógico entre docentes do ensino superior em saúde: uma análise dos cursos médicos. Revista Internacional de Educação Superior, Campinas, SP, v. 7, p. e021026, 2020. DOI: 10.20396/riesup.v7i0.8659850. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8659850>.

TEIXEIRA C. F; VILASBOAS A. L. Q. Desafios da formação técnica e ética dos profissionais das equipes de Saúde da Família. In: Trad L, organizador. Família contemporânea e Saúde: significados, práticas e políticas públicas. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010. p. 133-156.

1486



Realização:



Apoio:

